

Adições

Autor

Bruce K Alexander,

Professor Emeritus da Simon Fraser University / Canadá, assessorou usuários de drogas nas ruas e prisões da cidade de Vancouver e realizou extensas pesquisas científicas a esse respeito. Atualmente investiga como o vício é incorporado na civilização moderna estruturalmente.

alexande@sfu.ca

Sumário

A adição tornou-se um problema global avassalador.

As adições têm causado grandes danos aos indivíduos e às sociedades (Courtwright, 2019).

Eu espero explicar neste artigo por que o problema da adição se tornou avassalador e como podemos controlá-lo a nível global.

Proponho que a principal razão para nossa falha coletiva no controle da adição é que quase todas as nossas políticas, tratamentos e leis são baseados em uma velha história sobre drogas e adição, culturalmente entrincheirada, embora tenha sobrevivido ao longo de décadas.

Neste artigo, estou propondo uma mudança de paradigma dessa "velha história" para uma "nova história" sobre adições.

Palavras Chaves

Adição; drogas; vício; deslocamento social; descriminalização e legalização das drogas; acolhimento de adictos

Adições

Bruce K Alexander

Presumo que todos tenham ouvido alguma versão da velha história, uma vez que ela está profundamente enraizada na cultura ocidental e incansavelmente divulgada. A velha história fala sobre uma droga com o poder de um demônio ou diabo! Como se uma vez que as pessoas a utilizem, ocorresse mudanças, de modo que elas devessem passar o resto de suas vidas desejando-a e perseguindo-a. Algumas dessas pessoas podem ser salvas por meio de tratamento, mas o resto se torna não apenas irresistivelmente adicto, mas também depravado e violento em sua busca pela droga demoníaca, e danificado pelos seus efeitos diretos em seus corpos, especialmente em seus cérebros. Como se a droga demoníaca fosse a causa do problema da adição na sociedade e de muitos de outros problemas como o crime, a degradação e a miséria. Como se a droga demoníaca devesse ser banida da face da terra por qualquer meio necessário!

Embora a velha história permaneça praticamente a mesma ao longo de décadas, a droga que tem o papel central na história muda de tempos em tempos à medida que diferentes drogas são alternadamente demonizadas e normalizadas. Gerações de pessoas em diferentes países têm sido aterrorizadas pela velha história, uma vez que ela tem sido proclamada sobre dezenas de drogas diferentes ao longo das décadas, e há literalmente centenas de explicações teóricas e científicas de como a atual droga demoníaca rouba das pessoas, sua força de vontade e as leva à automutilação e ao crime.

É claro que há perigos reais, incluindo a possibilidade de adição prejudicial e danos fisiológicos, associados ao uso indevido da maioria das drogas que foram demonizadas pela velha história. Mas esses perigos não são eliminados declarando-se uma guerra contra as drogas, aterrorizando-se pessoas com a propaganda antidrogas ou aumentando-se amplamente a disponibilidade de tratamento. A regulamentação legal da distribuição e comercialização dessas drogas e o controle social sobre o uso excessivo e inadequado são muitas vezes necessários. Mas, em geral, a velha história só cria medo, rigidez e violência.

As incríveis mudanças na percepção governamental e pública da maconha no Canadá durante minha própria vida ilustram o quão absurda a velha história pode se tornar. Uma droga pode ser demonizada através da velha história em um determinado momento e ser normalizada em outras ocasiões, enquanto outras drogas assumem o papel do demônio e sendo assim a velha história continua a aterrorizar as pessoas e a dominar sua compreensão sobre a adição.

Em 1939, ano do meu nascimento, a maconha era estritamente proibida e punida no Canadá. Dizia-se que o uso da maconha causava loucura homicida e sexual, e foi histericamente demonizado por políticos, médicos, juízes, clérigos, incluindo a escritora popular canadense Emily Murphy (1922) e os filmes populares americanos "Reefer Madness" e o "Assassin of Youth" que passavam nos cinemas canadenses em todos os lugares.

Oitenta e um ano depois, na minha velhice, a maconha é legalmente vendida para uso recreativo e medicinal para adultos em todo o Canadá. No meio da pandemia de Covid-19 deste ano, a maconha aparece na lista de produtos que o governo da minha província declarou *essencial* ao público para manter nossos ânimos (Província da Colúmbia Britânica, 2020)! De acordo com um livro recente e bem-humorado, agora, até Jesus aprova a maconha, pelo menos no Canadá.

Quando se torna possível rir de algo, é porque este perdeu poderes demoníacos. A maconha tornou-se normalizada, mas a velha história ainda é contada, agora dirigida principalmente a drogas opioides e metanfetamina.

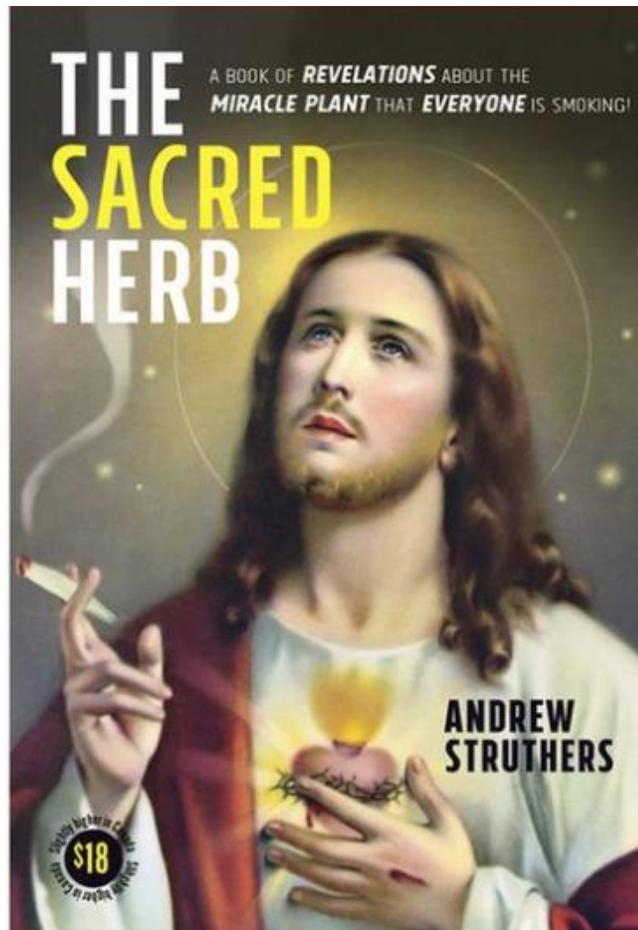


Figura 1. Um recente livro canadense (Struthers, 2017).

Eu era muito jovem para aprender a velha história sobre a maconha nos anos 1940, então aprendi a velha história aplicada à heroína nos anos 1950, dos meus pais, colegas de classe e histórias em quadrinhos. Quando fui para a universidade para me tornar psicólogo, eu reaprendi a velha história, como explicado pela "teoria do condicionamento" comportamental do final dos anos 1950 e 1960, o que fez parecer mais científico, embora ainda fosse a mesma velha história, geralmente aplicada tanto à heroína quanto à cocaína naquela época.

Mais tarde aprendi a contar a velha história utilizando outras formulações teóricas: psicanálise, a doutrina dos Alcoólicos Anônimos, o Cristianismo evangélico, a epigenética, o atual "Modelo de Doença Cerebral da Adição" e outros. Cada uma dessas diferentes formulações fornecem uma coloração especial à história, mas todas elas, incluindo o modelo de doença cerebral baseado em neurociência, retratam uma droga com o poder de um demônio: a droga rouba a vontade de uma pessoa, ou "é capaz de virar um interruptor em seu cérebro" até que os adictos façam qualquer coisa para obtê-la.

A velha história foi contada sobre uma grande variedade de drogas. Durante minha longa vida, foi contada de forma mais convincente no Canadá e nos EUA, sobre a maconha, a heroína, a cocaína em pó, o crack, a anfetamina, a metanfetamina, opioides prescritos e fentanil, mas muitas outras drogas desempenharam o papel de droga demoníaca na história por períodos mais curtos. Esses demônios menores incluem barbitúricos, benzodiazepínicos, LSD e meprobamato. Por um breve período, quando eu era um jovem psicólogo na década de 1970, a história estava sendo contada com seriedade aterrorizante sobre certos produtos domésticos comuns que os adolescentes diziam estar inalando compulsivamente, incluindo um tipo de cola (Brecher, 1972, pp. 321-325)! Esse tipo de cola pode não ter sido declarada totalmente provocadora de vícios, mas foi identificada como porta de entrada para sérias adições em outras drogas e proibida em alguns lugares.

Em suas versões antigas, a velha história não tinha nada a ver com drogas. Por exemplo, a possessão demoníaca é mencionada pelo menos 100 vezes na Bíblia, principalmente no Novo Testamento (Marcos 5:1-20; OpenBible.info, 2020). Afirma-se, até hoje, que as pessoas que estão possuídas pelo demônio são antissociais, perigosas, nojentas e não podem ser ajudadas sem uma intervenção divina para que o “demônio liberte seu corpo e sua alma”. A velha história também é construída na famosa lenda do Dr. Faustus que tem sido contada em toda a Europa por mais de quatro séculos. Dr. Faustus prometeu sua alma ao diabo, em troca de poderes mágicos na Terra. Mesmo que a magia que o diabo ofereceu não trouxesse ao Dr. Faustus qualquer satisfação real na velha lenda, sua promessa ao diabo realmente lhe trouxe a condenação eterna. Nenhuma droga estava envolvida na versão deste mito que eu li.



Figura 2. Faust e Mefistófeles: O poder dos demônios

Claro, há também histórias de pessoas virtuosas na cultura ocidental, que são capazes de resistir, não importa o que o diabo lhes ofereça. Este povo virtuoso inclui Jesus no deserto, que nunca cedeu às tentações mortais de Satanás.



Figura 3- Jesus e Satanás no Deserto (Mathew 4: 1-11)

Hoje, no entanto, essa antiga história incorporação demoníaca é mais frequentemente associada ao uso das drogas. Há três elementos básicos da velha história, que tem sido aplicada às drogas durante o século passado:

1. Muitos indivíduos usam tolamente ou perversamente drogas que “*provocam adições*”, buscando “*êxtase e prazer proibidos*”.

2. Essas drogas que “*provocam adições*” roubam a força de vontade de alguns ou de todos esses usuários tolos, transformando-os em adictos em drogas. Ao tentar freneticamente satisfazer seus desejos irremediáveis por drogas, os adictos propagariam degeneração e violência em toda a sociedade.

3. A recuperação da adição seria extremamente difícil, mas não impossível. Requereria supervisão minuciosa por profissionais médicos especializados, incluindo psiquiatras e psicólogos, ou por grupos especializados de autoajuda, frequentemente incluindo a “*teoria dos 12 passos*” ou de “*líderes religiosos*”. Uma vez que a maioria dos adictos anseiam desesperadamente por suas drogas, a polícia deve muitas vezes usar a força para motivá-los a aceitar o tratamento.

Algumas variações da velha história enfatizam o poder maligno da droga e da maldade humana, enfatizando os elementos 1 e 2 da velha história. Nessas variações, o problema deve ser resolvido, seja proibindo drogas demoníacas ou deixando as pessoas tão aterrorizadas que nunca tentariam utilizá-la. Essas variações serviram para justificar uma guerra cruel e fútil contra as drogas em muitos países. A guerra contra as drogas segue logicamente a velha história. Se realmente houvesse drogas com poderes demoníacos, a repressão violenta deles seria uma estratégia sensata e derradeira e assim a terrível propaganda antidrogas seria verdadeira.

A *Guerra às Drogas* inspirada na velha história (ênfase nos elementos 1 e 2) falhou em controlar o uso de drogas e a adição em drogas em todos os lugares, embora tenha sido massivamente financiada e perseguida impiedosamente em muitos países. Sua falha foi infinitamente documentada (Alexandre, 1990, 52-93; Hari, 2015).

Embora alguns dos partidários da *Guerra às Drogas* tenham sido convencidos e acreditavam verdadeiramente que ela era a única solução possível para evitar a disseminação dessas “substâncias demoníacas” nas sociedades, a história mostra que muitas vezes a *Guerra às Drogas* tem sido utilizada como uma ferramenta para extinguir grupos minoritários em vários países. Estes países incluem o Canadá, onde a guerra contra as drogas foi abertamente dirigida contra os trabalhadores imigrantes chineses na primeira metade do século XX (Alexandre, 1990, 29-32). A guerra às drogas canadense foi pelo menos tão brutal antes de 1970 quanto a guerra às drogas americana no seu pior momento (Alexander, Schweighofer e Dawes, 1996).

Os Estados Unidos são famosos por usar suas medidas de combate às drogas para suprimir sua população negra (Hart, 2013; Hari, 2015; Baum, 2016). Aprendi que o Brasil está usando a guerra às drogas da mesma forma para suprimir os mais distantes das classes dominantes. Essa evidência me parece bastante persuasiva (Ribeiro, 2016; Rodrigues & Labate, 2016).

Variações menos prejudiciais do terceiro elemento da velha história, enfatizam que os adictos supostamente fora de controle precisam de ajuda altamente especializada para superar seus desejos/adições. A ajuda pode vir de inúmeros tipos de tratamento, e a pesquisa está constantemente em evolução para desenvolver tipos mais eficazes.

Boas e más notícias sobre a velha história

A boa notícia é que nos últimos cinquenta anos, mesmo que a velha história tenha permanecido sob a maneira dominante de entender a adição, muitas partes do mundo se afastaram das variações da Guerra às drogas (ênfase nos elementos 1 e 2) para o tratamento compassivo e intervenções de redução de danos (ênfase no elemento 3). Junto com essa mudança de ênfase, este meio século também tem visto um movimento tangível em direção a uma atitude mais compassiva em toda a sociedade, na qual pessoas adictas em muitos países são tratadas com menos estigma, mais conhecimento factual e mais empatia. Portugal fornece a história de sucesso mais divulgada no momento. Seus sucessos na redução da taxa de letalidade por overdose e na infecção pelo HIV entre adictos são amplamente celebrados (Transform, 2020). A crescente aceitação mundial da redução de danos em combinação com a descriminalização parcial – mesmo nos Estados Unidos (Associated Press, 2020) – é uma boa notícia.

O Canadá é um exemplo menos conhecido, mas nosso progresso na última década também tem sido dramático. Também usamos a redução de danos e a descriminalização parcial para reduzir drasticamente nossa taxa de infecção pelo HIV, bem como reduzir o abuso violento da polícia e de prisões de adictos. Os adictos não estão apenas mais saudáveis do que costumavam ser, mas não são tão segregados e desprezados quanto antes. O reconhecimento de sua humanidade compartilhada tem aumentado constantemente. A cidade de Vancouver esteve na vanguarda do progresso do Canadá e muitos canadenses, incluindo eu, estão muito orgulhosos do que conquistamos.

Mas há más notícias também. Uma parte da má notícia é que o movimento em direção a um regime mais humanizado ainda sofre séria resistência. O governo anterior do Canadá era conservador e resistiu vigorosamente no apoio à Guerra às Drogas. Felizmente, esse governo

perdeu seus desafios legais para programas de redução de danos na Suprema Corte Canadense e foi derrotado nas eleições de 2016. Hoje, em Vancouver, a cidade, a província e o governo federal estão todos ao lado do tratamento compassivo e da redução de danos na maior parte do país e a descriminalização parcial continua.

No entanto, a resistência tem sido muito mais forte nos EUA e parece que ganhou força rapidamente sob o governo Trump como ilustrado, por exemplo, pela forte defesa do presidente Trump para uma pena de morte por tráfico de drogas (Holpuch, Glenza, & Jacobs, 2018). Em uma recente conferência de imprensa (Departamento de Estado dos EUA, 2020), o presidente americano parece ter reiniciado a Guerra às Drogas, comprometendo-se com uma nova tarefa naval para interceptar drogas que vêm para os Estados Unidos a partir da América do Sul.

A resistência do poder público a um tratamento mais humanizado dos adictos também é visível no Brasil, sendo o caso mais famoso, a Cracolândia de São Paulo. Ao ler a "Carta de Manguinhos" que a Fiocruz tornou pública (Fundação Oswaldo Cruz, 2017), fiquei encantado ao notar que quatro organizações canadenses de destaque estão entre as 110 organizações que endossaram a carta.

Infelizmente, há notícias ainda piores vindas da velha história. A pior notícia é que, apesar do movimento compassivo para enfatizar o tratamento e a redução de danos, no âmbito da velha história em muitos países, sérios problemas de adição de drogas e outros hábitos não diminuíram e parecem estar aumentando alarmantemente em muitos lugares. Mesmo em Portugal, com seus maravilhosos avanços para salvar vidas com a redução de danos e tratamento que fornecem ampla prova dos benefícios, como a mudança do primeiro e segundo para o terceiro elemento da velha história, temos poucas evidências de uma redução significativa da adição em drogas ou de outros tipos de adição. O mesmo acontece com a Dinamarca, Finlândia e Noruega, que há muito tempo são líderes no tratamento acolhedor de pessoas adictas em drogas (legais e ilegais e álcool).

Minha própria cidade de Vancouver nos dá um dos exemplos mais desanimadores do fracasso da mudança da ênfase para o terceiro elemento da velha história para reduzir o problema da adição. Embora Vancouver esteja longe do retorno da "Guerra às Drogas", agora tem apoio consistente do governo, da polícia, da comunidade profissional, da mídia e do público, e mesmo que tenhamos reduzido com sucesso a infecção pelo HIV e a brutalidade policial em nosso núcleo central, estamos atualmente sofrendo de um alto número de mortes por overdose de drogas opioides, especialmente fentanil.

Muitas pessoas temem por seus filhos, uma vez que eles crescem em uma época de alta das mortes por overdose. E nossas mortes por overdose aumentaram acentuadamente quando medidas de isolamento social foram introduzidas para nos proteger do Covid-19. Na verdade, a Colúmbia Britânica registrou muito mais mortes por overdose de drogas do que por Covid-19, no auge da pandemia do vírus (Larsen, 2020)! Felizmente, nossos governos provinciais e federais estão até agora respondendo ao aumento das mortes por overdose, aumentando também os serviços de redução de danos e de tratamento, em vez de voltar à Guerra às Drogas.

Novos relatórios sugerem que minha cidade está sofrendo de um rápido crescimento na adição à Internet: jogos de azar, pornografia, mídias sociais e jogos de computador. Da mesma forma, parece que estamos experimentando um aumento da adição de padrões alimentares não saudáveis: obesidade, anorexia e diabetes tipo 2. Temos outros tipos sérios de adição também e muitos deles parecem estar em tendência de crescimento.

Proponho que a velha história das drogas demoníacas *nunca* poderá fornecer uma base adequada para superar nosso globalizado problema de adição, não importando os elementos enfatizados! Não posso negar que tratamentos compassivos e com uso de pesquisa embasada e práticas de redução de danos e a descriminalização parcial sejam uma grande melhoria em relação à Guerra às Drogas. No entanto, acredito que eles nunca trarão nossos temidos problemas de adição sob controle, não importando o quanto investimos neles. Além disso, proponho que já tenhamos os contornos de uma nova história que possa trazer o problema da adição em drogas sob controle, embora isso esteja muito longe de ser fácil.

O Colapso da Velha História

Nos últimos anos, cada vez mais pesquisas de alto nível têm desafiado seriamente a velha história. Na verdade, muitos pesquisadores estão começando a ver que todos os três elementos estão errados. A evidência é esmagadora. Vem de muitas fontes, particularmente da neurociência, história, antropologia, sociologia, estudos de casos clínicos, genética, pesquisas populacionais, biografia e autobiografia (por exemplo, Alexander, 2008; 2014; Satel & Lilienfeld, 2013; Heim, 2014; Lewis, 2015; Hall, Carter, & Forlini, 2015; Heather et al., 2017; Grifell & Hart, 2018; Hart, 2019; Satel, 2020; Heather, Field, Moss, & Satel, na imprensa).

Talvez a evidência mais conclusiva que refuta a velha história venha de pesquisas sobre centenas de milhares de soldados americanos que voltaram para casa após a Guerra do Vietnã, na década de 1970. Quantidades extraordinárias de heroína barata e de alta qualidade estavam disponíveis para esses soldados no Vietnã. O consumo individual de heroína era muito maior do que o dos adictos de rua típicos dos Estados Unidos na época. Milhares de soldados tornaram-se adictos. Houve um grande alarme nos Estados Unidos sobre o caos que essa onda de soldados adictos que retornariam causaria quando chegassem em casa, porque até os observadores mais bem informados da época acreditavam na velha história: que o uso de heroína causava uma doença crônica de adição que era mais frequentemente incurável (Brecher, 1972). A única esperança era impor um longo tratamento aos soldados adictos. De onde viriam os serviços de infraestrutura para todo esse tratamento?

No entanto, para surpresa de todos, essa mobilização inalcançável do tratamento nunca foi necessária. Apenas 12% dos soldados adictos continuaram suas adições após a repatriação e a dispensa do exército (Robins, HelzereDavis, 1975).

Por que a maioria desses homens adictos foram capazes de controlar suas adições depois de voltar para casa? Não foi porque o exército americano os puniu ou os forçou a fazer tratamento, uma vez que eles haviam sido dispensados do exército. Também não foi pelo fato da heroína não estar disponível nos EUA, porque os homens relataram ter encontrado acesso pronto à heroína nas ruas americanas naquela época (Robins, Helzere Davis, 1975). Muitos deles relataram uso casual, mas não como adictos. Essas descobertas inesperadas permitiram que muitas pessoas vissem que a velha história da adição estava simplesmente errada (Alexandre, 1990, cap. 4).

Vou assumir que os leitores já têm os recursos disponíveis para rever as extensas evidências científicas e acadêmicas a respeito do fracasso da política de combate às drogas decorrente da velha história (que alimenta e sustenta a “Guerra às Drogas”), se desejarem. Então eu não vou mais me preocupar com a velha história e partirei do princípio que o fato de que a “Guerra às Drogas” não levou a humanidade a encontrar a solução tão desejada por nós para as adições ou

com seus programas de tratamento de adictos em larga escala absolutamente equivocados, embora se tenha gasto trilhões de dólares (Thornton, 2018) com essa estratégia.

Ressalte-se que a velha história não só não permitiu que o mundo controlasse o problema da adição (ele só se agravou e se expandiu ao longo dos últimos séculos), mas também ainda está sendo usada por políticos inescrupulosos como justificativa para perseguir muitos de nós afastados dos núcleos de poder, principalmente, em países periféricos e jovens afrodescendentes (Hart, 2013; Hari, 2015; Baum, 2016; Rodrigues e Labate, 2016).

Precisamos de uma nova história, ou, mais precisamente, um novo paradigma. O que estou propondo está ganhando terreno em todos os lugares, e é apoiado de várias maneiras, por alguns dos pensadores mais profundos e honrados da civilização ocidental. Esta nova história é bem conhecida por alguns pesquisadores e estudiosos que operam no campo da adição em drogas, embora só tenha começado a encontrar um lugar no centro desse campo e na opinião pública.

A "Nova História"

A nova história contradiz e substitui todos os três elementos da velha história e nega a maneira estreita de olhar para a adição que está implícita neles. A essência da nova história é que o "problema da adição em drogas" é apenas um aspecto do mal-estar da adição, do desespero e da autodestruição que se constrói na sociedade moderna. A nova história presume que o problema da adição não se limita às drogas, mas inclui as adições de "processo" ou "comportamentais" que foram bem documentados (Sussman, Lisha e Griffiths, 2011), bem como adições que são conhecidas principalmente pela observação clínica, história, biografia e autobiografia (Lemon, 2018). Embora a adição em drogas e álcool seja importante, "ela preenche apenas um canto de tapeçaria terrível" de adições que assolam o mundo moderno. A nova história, em última análise, aponta para a conclusão assustadora de que o problema da adição só pode ser resolvido por mudanças históricas na emergente sociedade mundial moderna.

Eu centralizei minha representação da nova história em torno de um retrato de Cristóvão Colombo, no qual aparece preocupado. Eu espero que você veja rapidamente por que Colombo deveria ser a imagem central, e por que ele estava certo em se preocupar.



Figura 4. Ciclo de retroalimentação da adição

A era moderna gerou perigos ainda mais assustadores do que a maré crescente da adição, incluindo catástrofe ambiental iminente, potencial de aniquilação nuclear, extrema desigualdade de renda e violento ressentimento público em massa. Esta apresentação se concentra na adição, mas eu também espero mostrar que uma parte da razão pela qual a adição importa tanto hoje é pelo fato dela estar fortemente entrelaçada com os outros perigos potencialmente catastróficos da era moderna.

"A era moderna", que compreende os cinco séculos da história ocidental desde as viagens de Colombo, tem sido um tema de intenso estudo entre historiadores, estudiosos literários e cientistas sociais. Para uma descrição compacta de como os cientistas sociais conceituam a era moderna, consulte Berman (1988, pp. 15-21). Para descrições mais recentes, mas menos compactas, ver Mishra (2017), Monbiot (2017), Han (2017) ou Deneen (2018).

Muitos grandes pensadores descreveram os problemas psicológicos da modernidade eloquentemente em suas várias obras: Estou pensando especialmente em Fyodor Dostoyevsky, Charles Dickens, Franz Kafka, Aldous Huxley, George Orwell e Byung-Chul Han por críticas poderosas de pesadelo, e Vaclav Havel, Ignacio Martín-Baró, Eduardo Galeano, Naomi Klein, George Monbiot e Papa Francisco para análises críticas que apontam para uma saída.

Enfatizar os problemas psicológicos da era moderna não é o mesmo que defender um retorno à Idade Média ou ao tribalismo. Cada era histórica da civilização tem suas realizações e sucessos característicos, bem como seus indesejados efeitos colaterais. Embora os efeitos colaterais da modernidade primitiva tenham sido obscurecidos por suas realizações deslumbrantes e pela riqueza que trouxe para muitas pessoas, a sociedade moderna de hoje deve enfrentar e corrigir os efeitos colaterais da modernidade para que se evite uma catástrofe.

Dizer que a adição é incorporada na era moderna, não significa negar que fatores de risco bem documentados para a adição, como a pobreza degradante, traumas no início da vida, disfunção familiar, depressão, solidão, preconceito racial, publicidade insidiosa, perfeccionismo, predisposição de genes e adição deliberada em mídias sociais, jogos e máquinas de apostas que aumentam a probabilidade da adição. Em vez disso, a nova história mostra como a estrutura da sociedade moderna inclina o campo de jogo a favor da adição, aumentando a probabilidade de que as pessoas estejam expostas a maioria desses fatores de risco, como consequência de forças sociais e econômicas além de seu controle e limitando as formas de responder aos fatores de risco que não envolvem a adição.

A nova história, como retratada na Figura 4, vislumbra um loop de retroalimentação entre os quatro componentes principais.

Sociedade Fragmentada

Desde a época de Cristóvão Colombo, as potências da Europa Ocidental esmagaram sociedades pré-modernas e tribos aborígenes ao redor do mundo. Essa fragmentação social foi possível graças aos modernos avanços da ciência e da tecnologia, como a bússola de navio, motores a vapor, artilharia pesada, produção em massa de bens de consumo baratos. Também foi possível pelas ideologias modernas que justificaram brilhantemente a exploração de todo o planeta para aumentar a riqueza e o poder dos monarcas individuais e das grandes empresas comerciais e nações (Colombo, 1505/2004; Galeano, 1973; Mann, 2011).

À medida que as nações europeias colonizadoras fragmentavam sociedades no exterior para ampliar sua riqueza e seu poder nacional, eles também esmagaram e empobreceram as

subculturas rurais de suas próprias terras, embora com um pouco mais de contenção. Revoluções agrícolas e industriais, que acompanharam a colonização global, devastaram fazendas camponesas estáveis e bens comuns em toda a Europa. Os refugiados dessa fragmentação doméstica foram cruelmente estigmatizados e economicamente explorados em favelas europeias ou enviados para o exterior para povoar as colônias.

Embora agora, às vezes, sejam negligenciadas, nações europeias modernizantes também fragmentaram suas próprias classes altas. Ricos aventureiros, produtores e banqueiros competiram ferozmente para maximizar sua riqueza e glória individual, e muitos acabaram em ruínas (Galeano, 1973, 22-28, 55-56). Como o estudioso vienense Karl Polanyi (1944, p. 128) descreveu o início da Inglaterra moderna, "... o efeito mais óbvio do novo sistema institucional foi a destruição do caráter tradicional das populações assentadas e sua transmutação em um novo tipo de pessoas, migratórias, nômades, carentes de autorrespeito e disciplina, *seres rudes e insensíveis, dos quais tanto trabalhadores quanto capitalistas foram um exemplo*". No final da era moderna, inúmeras obras de filosofia, ficção, poesia e música lamentam as vidas fragmentadas dos ricos e bem educados, bem como dos pobres e explorados.

A fragmentação da sociedade que começou no início da era moderna ainda se intensifica no século XXI. Essa fragmentação foi moldada por diferentes regimes econômicos e políticos em diferentes tempos e lugares ao longo dos séculos da era moderna, mas atualmente é moldada principalmente pelo domínio do capitalismo de livre mercado; política neoliberal; consumismo; desigualdade econômica bruta; mídia social onipresente; "desenvolvimento" do terceiro mundo"; financeirização com suas periódicas recessões globais; vigilância de alta tecnologia; bolhas imobiliárias e quebras; desemprego tecnológico causado pelo aumento implacável da eficiência na manufatura e no agronegócio; e saque contínuo dos territórios aborígenes restantes. A contínua fragmentação global de hoje não é apenas propagada por nações coloniais europeias originais e pelos Estados Unidos, mas também por outras grandes potências emergentes (Norberg-Hodge, 2018) à medida que se modernizam nos moldes que se originaram na Europa Ocidental há cinco séculos.

Talvez o exemplo atual e mais conhecido da fragmentação moderna da sociedade seja a "mineração de dados" de redes sociais como facebook para produzir publicidade e propaganda direcionadas. As redes sociais são projetadas para atender à necessidade de engajamento íntimo para as pessoas que estão em movimento, longe de suas famílias, e têm pouco tempo de sobra. Muitas vezes, as oportunidades de cultivo real e lento do contato humano são perdidas à medida que as pessoas se envolvem em comunicação superficial de alta velocidade em telas minúsculas (Wylie, 2019; Zuboff, 2019).

Na minha escrita anterior, concentrei-me no capitalismo de livre mercado como a causa da fragmentação moderna (Alexandre, 2008). Eu ainda vejo o capitalismo de livre mercado como centralmente importante, especialmente no meu próprio país, mas pensadores históricos mais amplos mostraram que a causa vai mais fundo, as próprias raízes da própria modernidade. Cristóvão Colombo não era capitalista, nem Vladimir Lenin, Joseph Stalin, Fidel Castro, Deng Xiaoping e Xi Jinping. Mas eles têm sido vigorosamente e às vezes impiedosamente *modernos*. O cristianismo, o marxismo e o capitalismo de livre mercado forneceram justificativas para o avanço fragmentado da modernidade em diferentes tempos e lugares.

A moderna fragmentação cria uma óbvia destruição econômica e ambiental, mas meu foco aqui está em sua destruição social devastadora. Sob o rolo compressor da modernidade, famílias

e comunidades estendidas estão dispersadas; famílias nucleares se tornaram disfuncionais; culturas locais são pulverizadas; autoridade legítima é derrubada, tradições religiosas são distorcidas; e as artes tradicionais são reduzidas no lugar da produção de bugigangas turísticas dos escombros culturais. Pessoas e grupos sociais que não contribuem para o avanço da modernidade são marginalizados ou exterminados.

A fragmentação social passou a parecer uma consequência inevitável dos milagres modernos que permitiram que a Terra suportasse mais de sete bilhões de pessoas. Mas essa milagrosamente moderna e emergente sociedade mundial está em profundos – possivelmente terminais – problemas. Parte desse problema vem dos muitos efeitos colaterais da fragmentação, da destruição ambiental, das desigualdades obscenas de riqueza e de poder e da possibilidade de uma guerra nuclear. Os efeitos colaterais mais importantes para este artigo, no entanto, são o deslocamento em massa e, em sua trilha, a adição em massa.

O deslocamento ⁽¹⁾ em massa de indivíduos

O deslocamento é brutalmente óbvio nos pobres e sem-teto do mundo de hoje, mas não se limita a eles. Aflige todos os níveis da sociedade. Nas sociedades mais ricas, o deslocamento está devastando os ricos, bem como os pobres (por exemplo, Luthar, Barkin, & Crossman, 2013; Powell, 2016; Curran and Hill, 2017; Han, 2010; 2017; Culkin, 2019).

O deslocamento em massa passou a parecer inevitável. O sistema de mercado moderno exige que os indivíduos tenham um desempenho competitivo e eficiente, sem impedimentos por laços sentimentais com famílias, amigos, valores religiosos ou normas de compaixão. As crianças devem estar preparadas para uma vida de competições, mesmo que estúpidas e sem sentido. Até que as crianças saibam disso por si mesmas, elas devem ser incansavelmente estimuladas ao sucesso, por seus pais, supostamente para seu próprio bem.

Afinal, "negócios são negócios" e esperamos que nossos políticos produzam "crescimento econômico" e "criem empregos" a qualquer custo. Diz-se que a racionalidade econômica rigorosa faz com que a lei da oferta e da demanda funcione de forma eficiente e, assim, "limpe os mercados" todos os dias. China, Índia, Brasil e outras nações que ingressaram nas superpotências econômicas estão pagando o preço em deslocamento crescente – e adição.

Vista de forma positiva, o deslocamento individual pode fornecer um espaço de iniciativa e liberdade criativa para as pessoas que se sentiram sufocadas por suas sociedades (Han, 2017, chap 13; Bruder, 2017). No entanto, o deslocamento prolongado e radical exige um preço alto, porque acaba gerando miséria na forma de ansiedade, suicídio, depressão, desesperança e ressentimento. Na verdade, o deslocamento prolongado é tão insuportável que foi imposto como

¹ A palavra "deslocamento" é usada aqui para designar as consequências psicológicas que derivam da fragmentação social, pois elas se manifestam na experiência cotidiana das pessoas em todo o mundo moderno.

O deslocamento foi descrito de muitas maneiras. Por exemplo, os psicólogos falam de déficits crescentes de apego, pertencimento, identidade, significado e propósito que levam a transtornos como ansiedade e depressão nas pessoas que estudam. Os sociólogos falam da alienação e ressentimento dos indivíduos em grandes sociedades burocratizadas que esmagam tanto a comunidade quanto a estrutura econômica. Os cristãos falam da perda da fé ou da idolatria do mundo secular. Existencialistas descrevem sentimentos de ansiedade, pavor, absurdo, desespero, solidão e insignificância em pessoas que habitam uma sociedade burguesa inútil. Biólogos evolucionários falam do fracasso em satisfazer as necessidades sociais inatas da espécie humana nos tempos modernos. O deslocamento ainda não foi adequadamente descrito na linguagem da neurociência – mas precisa ser.

uma punição extrema dos tempos antigos até os dias atuais. Punições como exílio, ostracismo, banimento, afastamento, excomunhão e confinamento solitário são, essencialmente, deslocamentos impostos. O isolamento social radical é uma parte indispensável da assustadora tecnologia de tortura científica de hoje (Klein, 2007, chap. 1).

A menos que seja amplamente experiente, o "deslocamento" resiste à medição quantitativa. Por exemplo, psicólogos como eu podem falar de deslocamento como a falta de apego, pertencimento, identidade, significado e propósito. Mas como essas experiências são medidas? Pode uma forte identidade compensar um fraco senso de propósito? Um forte senso de apego e pertencimento pode compensar outras faltas? Tais perguntas não podem ser respondidas precisamente neste momento. No entanto, o deslocamento – sob seus diversos nomes – tem sido há muito reconhecido pelos pensadores mais honrados da era moderna. É fácil ignorar a importância do deslocamento em um meio acadêmico que é dominado pela epistemologia empírica e pela ontologia reducionista. Infelizmente, no entanto, o positivismo e o reducionismo não podem legislar o deslocamento fora da existência. Eles só podem obscurecê-lo.

A pandemia das Adições: Adições severas como resultado da adaptação ao deslocamento

Assim como o deslocamento individual historicamente tem origem na fragmentação das tradições e instituições de uma sociedade, uma enxurrada de adições destrutivas historicamente segue a propagação do deslocamento (Ver Fig. 1.) Extensas evidências históricas, antropológicas e clínicas documentam essa sequência previsível (Case & Deaton, 2017, pp. 429-434; ver revisão em Alexandre, 2008, chap. 5).

As adições é uma decorrência ao deslocamento porque elas podem fornecer às pessoas deslocadas, alguma alternativa e compensação por vidas sombrias e vazias devido a traumas episódicos. Pessoas deslocadas podem usar adições para obter pedaços de apego, pertencimento, identidade, significado e propósito, pelo menos no curto prazo. Sem seus objetivos e identidades adictas e suas conexões na subcultura adicta, pessoas severamente deslocadas seriam definitivamente banidas do convívio social o que se tornou essencial para a evolução da humanidade (Darwin, 1871/1981, vol. I, caps. 3,5; Wilson, 2012, cap. 7). Sem suas adições, muitas pessoas deslocadas teriam, terrivelmente, menos razão ainda para viver.

Todos os nossos ancestrais humanos se adaptaram com sucesso aos seus ambientes de forma comportamental, bem como anatomicamente e fisiologicamente. Herdamos nossas capacidades adaptativas deles. A capacidade de se tornar "adicto", no amplo sentido da língua inglesa de ser imoderadamente devotado, dedicado ou apegado a algo (ver Oxford English Dictionary definição 1a), é uma dessas capacidades adaptativas. Embora as adaptações geralmente ajudem os indivíduos a sobreviver e prosperar, todas as adaptações podem se tornar prejudiciais se trabalhadas à exaustão por indivíduos que não encontraram melhor recurso para se adaptar a um estressor de longo prazo. O termo "doenças de adaptação", às vezes é usado para adaptações fisiológicas ou comportamentais que se tornam perigosas quando são trabalhadas à exaustão (Selye, 1950) ou respondem excessivamente a ameaças (Angeli, Minetto, Dovio, & Paccotti, 2004; Yong, 2020).

A adição em opioides fornece um exemplo bem estudado das funções adaptativas da adição em drogas, bem como o perigo de adições que são empurradas para além de seus limites. Os

opioides, incluindo heroína, bem como opioides prescritos, fornecem um alívio real para a dor física e psicológica. É fácil entender por que muitas pessoas usam opioides para conforto em um mundo solitário e sobrecarregado. É fácil entender por que, as mortes por overdose de opioides aumentaram drasticamente durante os meses desde que o Covid-19 tem necessitado de isolamento social generalizado (American Medical Association, 2020; Swift & Goodnough, 2020).

No entanto, a grande maioria dos usuários de opioides não tem overdose ou se tornam adictos (Alexander, 2008, chap. 8; Satel, 2018) e a maioria dos que se tornam adictos, não se tornam *severamente* adictos ou permanecem adictos por muito tempo (Heyman, 2019; Morgan, 2019). Mas há muitas pessoas no mundo moderno que devem suportar o deslocamento esmagador por longos períodos. Para eles a adição severa de opioides – não apenas o uso de opioides – muitas vezes fornece o melhor alívio disponível ou pelo menos um substituto desesperadamente necessário para o que falta em suas vidas.

Como a adição em opioides pode ser adaptável? Quando os adictos nas ruas acordam todos os dias, pelo menos sabem o que precisam e o que devem realizar naquele dia. Em vez de serem devastados pelo vazio insuportável, eles continuam ocupados perseguindo freneticamente drogas e interagindo com outros caçadores de drogas dentro de uma comunidade de adictos que se justifica com o desdém cultivado pelas hipocrisias do mundo não adicto.

Ao mesmo tempo em que a adição em opioides pode dar às pessoas deslocadas um propósito, pode aumentar sua identidade e autoestima, ligando simbolicamente suas vidas abandonadas com celebridades gloriosamente trágicas e adictas em opioides como Phillip Seymour Hoffman, Michael Jackson, Robin Williams ou Johnny Depp (por exemplo, Pryor, 2003; O'Donnell, 2018).

O aumento da autoestima que a heroína pode fornecer não é totalmente injustificado: os adictos em heroína sabem que poucos indivíduos não adictos teriam a coragem de injetar a droga mais temida do mundo. Os usuários de fentanil sabem disso ainda melhor e entendem que o risco máximo pode proporcionar um tipo especial de alegria ou *jouissance* (prazer). (Allouche, 2001; Willie, 2018). Pessoas que acham a ganância capitalista intolerável podem ver o uso da droga mais condenada da cultura capitalista como uma forma tragicamente descolada de resistência pessoal (Culkin, 2019, pp. 23-36).

A metanfetamina fornece um exemplo mais recente dos efeitos da fragmentação e do deslocamento sobre a adição. Um pânico americano de metanfetamina eclodiu no final do século XX nos EUA.

O aumento do uso de metanfetamina e de sua adição foi interpretado sob a velha história como decorrência do uso de uma droga irresistivelmente causadora de adições. Alguns defensores da velha história anunciaram na época que a metanfetamina era a "droga maior poder de causar adições do mundo". Então, o jornalismo investigativo mostrou por que a metanfetamina estava se espalhando muito rápido. O deslocamento em massa havia emergido nos estados agrícolas americanos após a legislação e as práticas de imigração que destruíram o que havia permanecido da cultura tradicional da agricultura familiar americana. Um grande número de ex-agricultores deslocados e trabalhadores deslocados do empacotamento de carnes e outras indústrias agrícolas apareceram em uma região com abundantes produtos químicos agrícolas que poderiam ser convertidos em metanfetamina. As festas de metanfetamina forneceram uma maneira para as pessoas expressarem seu deslocamento em meio a uma comunidade de companheiros que sofrem. O resultado foi um aumento devastador no uso e adição de metanfetamina no cinturão

agrícola americano, que mais tarde foi renomeado "Methland" pelo autor (Reding, 2009; Alexandre, 2011).

Apostar compulsivamente em máquinas caça-níqueis, mesas de roleta ou internet também pode ser adaptável. Jogadores e apostadores adictos não encontram tanto envolvimento humano quanto numa "zona" de intenso engajamento com máquinas com cores chamativas de jogos de azar, engenhosamente projetadas para serem interativas e sedutoras, sem as qualidades irritantes dos seres humanos reais (Ross, 1987, pp. 232, 234; Schüll, 2012; 2015; Dixon et al., 2017). Os comerciantes de commodities, que se envolvem em outro tipo de jogo de aposta, nas bolsas onde trabalham, relatam experimentar uma "excitação" semelhante à medida que escaneiam suas telas em rápida mudança, cheias de dados e informações para padrões de geração de lucro (Zaloom, 2010).

Muitas pessoas adictas em jogos de azar, seja na pista, cassino ou mercado de commodities, são muito pouco confiantes para alcançar o real poder econômico na sociedade, mas anseiam pela excitação e "ação" que vem com o manuseio de grandes somas de dinheiro. Eles podem se sentir importantes, engajados e poderosos – como tomadores de riscos ousados – mesmo quando perdem tudo (Dostoyevsky, 1866; Ross, 1987, pp. 196-199, 295; Larcombe, 2017). Pessoas adictas em jogos de azar não podem ser ajudadas por palestras sobre as probabilidades desfavoráveis: Ganhar dinheiro não é a razão mais importante do jogo.

A adição severa visando a riqueza e o poder também tem funções adaptativas características. A literatura biográfica e a autobiográfica fornecem um testemunho vívido de que a riqueza causam "adição pelo poder" nas pessoas ricas, mas profundamente deslocadas e algumas desesperadamente em busca de reconhecimento pessoal (Slater, 1980; Polk, 2017; M.Trump, 2020; Cohen, 2020).

Em maior escala, adições em ideologias políticas fanáticas e cultos espirituais podem proporcionar a experiência de dedicação, devoção, pertencimento e poder para massas de pessoas que sofrem de deslocamento prolongado, mesmo quando às vezes destroem vidas, famílias e democracias frágeis (Arendt, 1968, 312-324; 474-479; Mishra, 2017; Grigoriadis, 2018; Duplass, et al., 2018). Talvez o exemplo mais comovente venha agora daqueles hospitalizados que continuam a negar inflexivelmente a existência do Covid-19 por motivos ideológicos, às vezes até o dia em que a doença tira suas vidas (Villegas, 2020). Os cultos políticos mais perigosos, incluindo QAnon, funcionam on-line e se propagam globalmente na velocidade da internet (Asthana & Wong, 2020; Alt, 2020)

Pessoas que não estão muito seriamente deslocadas podem usar drogas, acumular riqueza, apostar, associar-se com cultistas ou participar de inúmeras outras práticas potencialmente adictivas sem correr sérios riscos. Eles já têm vidas razoavelmente completas, e podem usar práticas adictivas sem precisar se envolver drasticamente. Mesmo que se tornem adictos por um tempo, eles geralmente podem largar suas adições se encontrarem consequências inaceitáveis (Granfield & Cloud, 1999; Polk, 2017; Heyman, 2019). No entanto, milhões de pessoas seguem suas adições em finais trágicos, porque não conseguem encontrar nenhuma base para uma vida mais plena (veja seta #3, Fig. 1).

Dizer que adições nocivas são *adaptativas*, não significa negar que elas podem se tornar catastróficas quando são trabalhadas à exaustão. Mas contradiz completamente a velha história. A causa da adição não está nos efeitos neuroquímicos de qualquer droga em particular ou no hedonismo imprudente, mas na trágica falha da sociedade humana moderna para atender

algumas das mais profundas necessidades humanas e nas adaptações comportamentais evoluídas que podem ajudar as pessoas a se adaptarem a esse fracasso, embora também possam se tornar perigosas e destrutivas. A ironia final da Guerra às Drogas é que os incontáveis bilhões de dólares gastos na tentativa fútil de eliminar drogas adictivas do planeta poderiam ter sido gastos em medidas de bem-estar público e justiça social que realmente teriam reduzido a adição em drogas, pelo menos entre as pessoas mais desfavorecidas.

Falar da adição como adaptável nega qualquer distinção categórica entre pessoas adictas e as que não são. Como muitas adaptações familiares, há graus de adição e todos podem ajudar as pessoas a suportar, pelo menos por um tempo. Quando as adições são leves ou de curta duração, *como na maioria das vezes são* (Heyman, 2019), eles podem ajudar as pessoas a lidar com o deslocamento até que possam construir estilos de vida mais sustentáveis e, em seguida, retroceder (Granfield & Cloud, 1999; Veja #2 de seta em Fig. 1).

Se a adição funciona adaptativamente em um mundo fragmentado e deslocado, a lógica seria que a maioria das pessoas *gostaria* de ser adicta, consciente ou inconscientemente. Os comerciantes de hoje lucram compartilhando essa conclusão contra-intuitiva. Por que mais tantos deles anunciariam seus produtos como "que podem provocar adições"? Produtos auto-proclamados "que podem provocar adições" incluem videogames com milhões de jogadores (incluindo meus próprios netos), a série de televisão favorita da minha família (anunciada como "Doce, agitada e completamente adictiva"), livros, restaurantes, receitas, músicas gravadas, modas e inúmeros outros produtos. Aqui está um experimento na Internet. Pegue *qualquer* produto de consumo, por exemplo, sorvete ou lingerie, e pesquise junto com a expressão "potencialmente causador de adição". Encontrei poucos produtos (com exceção de drogas e álcool) que pelo menos um fabricante não os comercializa ao proclamar o quão "potencialmente causador de adição" ele pode ser.

Consequências da Adição Severa: O Ciclo Continua.

Muitas pessoas severamente deslocadas se agarram a adições graves porque são, de acordo com essas pessoas, adaptações indispensáveis ao deslocamento em um mundo moderno cada vez mais fragmentado. E alguns tipos de adições intensas e prolongadas, como adições ao trabalho, realização, consumo e compras são incentivados e promovidos pela sociedade porque ajudam a manter altos níveis de produção e expansão econômica (por exemplo, Han, 2010, pp. 8-11). Mas ainda há uma razão mais fundamental pela qual a adição severa é intrínseca ao mundo moderno. Como retratado na Figura 4 (seta #3), consequências nocivas de longo prazo, adições graves exacerbam a fragmentação da sociedade moderna, aumentando o deslocamento que a sociedade causa. Deslocamento aumentado leva a mais adição. E assim, o ciclo de retroalimentação da adição recomeça.

Devido às suas consequências socialmente fragmentantes a longo prazo, a adição severa não é apenas uma causa à fragmentação social, mas também uma consequência, pois ela está incorporada à sociedade moderna estruturalmente.

O ciclo das adições que está incorporado na modernidade não pode ser permitido de continuar indefinidamente. Eventualmente, a tensão nos ecossistemas da Terra e na cultura humana se tornará insustentável, e a civilização moderna, como toda civilização que a precedeu, entrará em colapso (Toynbee, 1948).

Controlando a adição na Era Moderna

A nova história vislumbra a adição como um problema muito mais assustador do que a velha história. Se a adição é incorporada na era moderna estruturalmente, se atinge todas as classes sociais e pode ser expressa em qualquer tipo de hábito ou prática, é a própria era moderna que deve mudar.

E numa escala histórica.

A ideia de que mudanças sociais fundamentais seriam necessárias para controlar adições perigosas já foi impensável, mas os tempos mudaram. Está cada vez mais claro que a adição está entre nós, não importando quantas prisões sejam construídas, quanto tempo durem as sentenças, o quão acessível o tratamento se torna, quanta justiça social é alcançada, quantos locais de injeção segura são abertos, quão cuidadosamente as leis sobre drogas são retrabalhadas, ou quão bem a linguagem é desestigmatizada.

Simultaneamente, devemos também confrontar coletivamente outras ameaças existenciais à sociedade global na era moderna, aparentemente não relacionadas a adição, que clamam por mudanças sociais fundamentais. Essas ameaças incluem colapso ambiental, expansão de arsenais de armas nucleares, vastas desigualdades de sociais (de direitos e riqueza), crescente autoritarismo populista, pandemias mortais etc.

Atualmente temos um pequeno exemplo de que isso é possível, ele vem da Islândia (Young, 2018). Quando a União Europeia foi criada a Islândia tinha um dos 3 grupos de adolescentes e jovens que mais consumiam drogas lícitas e ilícitas em toda a região.

Eles adotaram uma política agressiva de bem estar social, onde transformaram as escolas e universidades em núcleos sociais, tendo a partir dali não mais a função de transmissão de conhecimento, mas a de gerar conhecimento que envolvessem diretamente a comunidade onde estão envolvidas. Além disso, aproximaram os pais dos alunos das escolas, criando inclusive uma lei que obrigava aos pais a comparecerem nas escolas toda vez que fossem solicitados pela mesma.

Dessa relação o governo Islandês descobriu que seus jovens e adolescentes não tinham o que fazer ao saírem de suas escolas e demandavam espaços para práticas sócio esportivas culturais. Assim foram disponibilizados espaços para práticas dessas atividades em grande número.

O conjunto dessas ações, aliados ao fato da Islândia ser um país localizado em uma ilha isolada, com alto grau de desenvolvimento social, onde a população tem uma grande participação no destino de seu país fez com que 20 anos depois a Islândia tenha os adolescentes e jovens que menos consomem drogas no mercado comum Europeu, isso sem nenhum tipo de repressão a nenhuma substância. Somente para lembrar a todes, na última Copa do Mundo de Futebol, realizada na Rússia, a seleção da Islândia, que participava pela primeira vez de uma Copa do Mundo de Futebol, chegou as quartas de final da competição, eliminando seleções poderosas e tendo o único time amador da competição, onde o goleiro tinha por profissão dirigir ônibus na Islândia e o técnico do time era dentista também na Islândia.

Como vemos, é difícil, mas é possível!

Mentes mais jovens e frescas que as minhas, e gerações de tentativa e erro, serão necessárias para alcançar uma sociedade futura que possa controlar a adição junto com outras crises existenciais de hoje. A tarefa sem precedentes de reorganizar a civilização moderna, social, política e ambientalmente para que possa acomodar as necessidades fundamentais de bilhões de

seres humanos, pertence a todos, como demonstra o movimento ambientalista (Klein, 2014; Boyd, 2015). Esta tarefa exigirá uma solidariedade global sem precedentes, bem como a energia dos grupos locais em milhões de lugares. Em última análise, nosso futuro coletivo depende nada menos do que encontrarmos novas maneiras de cultivar nossos maiores potenciais humanos: cooperação, inteligência e compaixão, em escala global. Atualmente, ainda perdemos muito tempo procurando atalhos.

É meu sonho que o novo “*Observatório das Adições Bruce K. Alexander*” que está nascendo no Brasil tenha um papel importante no processo criativo vital que agora é demandado.

Bibliografia

- Alexander, B.K. (1990). *Peaceful Measures: Canada's way out of the 'War on Drugs'*. University of Toronto Press.
- Alexander, B.K. (2008/2010). *The Globalization of Addiction: A study in poverty of the spirit*. Oxford University Press.
- Alexander, B.K. (2011). *A Train trip through Methland*. Retrieved August 14 2020 from <https://www.brucealexander.com/articles-speeches/dislocation-theory-addiction/249-a-train-trip-through-methland-1>
- Alexander, B.K. (2014). The rise and fall of the Official View of addiction. Retrieved October 24 2017 from www.brucealexander.com/articles-speeches/277-rise-and-fall-of-the-official-view-of-addiction-6
- Alexander, B.K. (2011). *A Train trip through Methland*. Retrieved August 14 2020 from <https://www.brucealexander.com/articles-speeches/dislocation-theory-addiction/249-a-train-trip-through-methland-1>
- Alexander, B.K., Schweighofer, A.R.F., & Dawes, G.A. (1996). American and Canadian drug policy: A Canadian perspective. In W.K. Bikel & R.J. DeGrandpre (Eds.), *Drug policy and human nature: Psychological perspectives on the control, prevention, and treatment of illicit drug use* (pp. 251-278). Plenum.
- Allouche, E. (2001, 18 March). Les paradis retrouvés. *Interventions*, 1(1), 23-27.
- Alt, M. (2020, 26 September). The flashing warning of QAnon. *The New Yorker*. Retrieved 20 October 2020 from <https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/the-flashing-warning-of-ganon>
- American Medical Association. (2020, 8 September). Issue Brief: Reports of increases in opioid-related overdose and other concerns during COVID pandemic. American Medical Association: Advocacy Resource Center. Retrieved 29 September 2020 from <https://www.ama-assn.org/system/files/2020-09/issue-brief-increases-in-oid-related-overdose.pdf>
- Angeli, A., Minetto, M., Dovoio, A., and Paccotti, P. (2004). The overtraining syndrome in athletes: A stress related disorder. *Journal of Endocrinological Investigations*, 27, 603-612.
- Arendt, H. (1968). *The origins of totalitarianism* (2nd Ed.). Harcourt. (Original Work published in 1951).
- Associated Press. (2020, 4 November). Oregon decriminalizes small possession amounts, including for heroin, meth and cocaine. CBC News. Retrieved 5 November 2020 from <https://www.cbc.ca/news/world/us-ballot-measures-oregon-drugs-1.5789061>
- Asthana, A. & Wong, J.C. (2020, September 20). The growing influence of the QAnon conspiracy theory (Podcast). *The Guardian*. Retrieved 21 September 2020 from <https://www.theguardian.com/news/audio/2020/sep/21/the-growing-influence-of-the-ganon-conspiracy-theory-podcast>
- Baum, D. (2016, April). Legalize it all: How to win the war on drugs. *Harpers*. Retrieved 24 December 2020 from <https://harpers.org/archive/2016/04/legalize-it-all/>
- Berman, M. (1988). *All that is solid melts into air: The experience of modernity*. Penguin Books (Original edition published in 1982).
- Boyd, D.R. (2015). *The optimistic environmentalist: progressing towards a greener future*. ECW Press.
- Brecher, E.M. (1972). *Licit and illicit drugs*. Little, Brown.

Bruder, J. (2017). *Nomadland: Surviving America in the Twenty-First Century*. New York, NY: Norton.

Case, A. & Deaton, A. (2017). Mortality and morbidity in the 21st century. *Brookings Papers on Economic Activity*, 2017(1), 397-476. <<https://doi.org/10.1353/eca.2017.0005>>

Cohen, M. (2020). *Disloyal: a memoir. The true story of the former Personal Attorney to President Donald J. Trump*. Skyhorse Publishing.

Columbus, C. (1505/2004). *The book of prophecy edited by Christopher Columbus*. (Roberto Rusconi Editor, Blair Sullivan Translator). Vol. 3 of *Reportorium Columbianum* (Geoffrey Symcox, General Editor). Wipf & Stock.

Courtwright, D.T. (2019). *The age of addiction: how bad habits became big business*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/9780674239241>

Culkin, B.F. (2019). *On heroin: America, capitalism & the search for meaning*. Kindle Direct Publishing.

Curran, T., & Hill, A. P. (2017, December 28). Perfectionism is increasing over time: A meta-analysis of birth cohort differences from 1989 to 2016. *Psychological Bulletin*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/bul0000138>

Deneen, P.J. (2018). *Why Liberalism Failed*. Yale University Press. <https://doi.org/10.12987/yale/9780300223446.001.0001>

Darwin, C. (1981). *The descent of man, and selection in relation to sex*. Princeton University Press. (Original work published in 1871).

Dixon, M.J., Stange, M., Larche, C.J. Graydon, C., Fugelsang, J.A., & Harrigan, K.A. (2017). Dark flow, depression, and multiline slot machine play. *Journal of Gambling Studies*, 34(1), 73-84. <<https://doi.org/10.1007/s10899-017-9695-1>>

Dostoyevsky, F. (1866). *The gambler* (Translated by C.J. Hogarth). Project Gutenberg. Downloaded September 17 2019 from <http://www.gutenberg.org/files/2197/2197-h/2197-h.htm>

Duplass, M., Duplass, J., Braun, J., & Braun, D. (2018). *Wild Country* (Documentary Film, 6 episodes). Netflix.

Galeano, E. (1973). *Open Veins of Latin America: Five centuries of the pillage of a continent*. (Translated by C. Belfrage.) Monthly Review Press.

Granfield, R. and Cloud, W. (1999). *Coming clean: overcoming addiction without treatment*. New York University Press.

Griffell, M. & Hart, C.A. (2018). Is addiction a brain disease? This popular claim lacks evidence and leads to poor policy. *American Scientist*, 106(3), 160-167. <https://doi.org/10.1511/2018.106.3.160>

Grigoriadis, V. (2018, May 30). Inside Nxivm, the 'sex cult' that preached empowerment. *The New York Times Magazine*. Retrieved 20 October 2020 from <https://www.nytimes.com/2018/05/30/magazine/sex-cult-empowerment-nxivm-keith-raniere.html>

Hall, H., Carter, A. & Forlini, W. (2015). The brain disease model of addiction: is it supported by the evidence and has it delivered on its promises? *Lancet Psychiatry*, 2(1), 105-110. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(14\)00126-6](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(14)00126-6)

Han, B.-C. (2010). *The burnout society*. Stanford University Press.

Han, B.-C. (2017). *Psychopolitics: Neoliberalism and new technologies of power*. Verso.

- Hari, J. (2015). *Chasing the Scream: The first and last days of the war on drugs*. London, UK: Bloomsbury.
- Hart, C. (2013). *High price: A neuroscientist's voyage of self-discovery that challenges everything you know about drugs and society*. HarperCollins.
- Hart, C. (2019, December 30). Drug use for grownups: a human rights perspective." Lecture Delivered at Boston College. YouTube. Retrieved 8 June 2020 from <https://www.youtube.com/watch?v=M6PHC4p1Ohw>
- Heather, N., Best, D., Kawalek, A., Field, M., Lewis, M., Rotgers, F., Wiers, R.W., & Heim, D. (2017). Challenging the brain disease model of addiction: European launch of the addiction theory network. *Addiction Research and Theory* (online edition) retrieved Nov. 26 2017 from <http://www.tandfonline.com.proxy.lib.sfu.ca/doi/full/10.1080/16066359.2017.1399659>
- Heather, N., Field, M., Moss, A.G., & Satel, S. (Eds.) (in press). *Evaluating the brain disease model of addiction*. Routledge.
- Heim, D. (2014, 5 March). Addiction: not just brain malfunction. *Nature* **507**(7690), 40. <https://doi.org/10.1038/507040e>
- Heyman, G.M. (2009). *Addiction: A disorder of choice*. Harvard University Press.
- Holpuch, A., Glenza, J. & Jacobs, B. (2018). Trump calls for death penalties for drug dealers as focus of opioids plan. *The Guardian*. Retrieved 11December 2020 from <https://www.theguardian.com/us-news/2018/mar/19/donald-trump-death-penalty-drug-dealers-opioids-new-hampshire>
- Klein, N. (2007). *The Shock Doctrine: The rise of disaster capitalism*, Knopf, Canada.
- Klein, N. (2014). *This changes everything: capitalism vs. the climate*. Knopf, Canada.
- Larsen, K. (2020, 25 November). Five British Columbians dying every day from overdose, coroner reports. *CBC News*. Retrieved 19 December, 2020 from <https://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/bc-overdoses-october-2020-1.5815835>
- Larcombe, J.R. (2017, July 17). The fall and rise of a gambling addict. *TedxRoyalTunbridgeWells*. Retrieved October 5 2017 from <https://www.youtube.com/watch?v=7AN3VLLlkdI>
- Lemon, R. (2018). *Addiction and devotion in early modern England*. University of Pennsylvania Press. <https://doi.org/10.9783/9780812294811>
- Lewis, M. (2015). *The Biology of Desire: Why addiction is not a disease*. Public Affairs.
- Luthar, S.S., Barkin, S.H., & Crossman, E.J. (2013). "I can, therefore I must": Fragility in the upper-middle classes. *Developmental Psychopathology*, *25*, 1529-1549. <https://doi.org/10.1017/S0954579413000758>
- Mann, C.C. (2011). *1493: Uncovering the new world Columbus created*. Vintage Books.
- Martín-Baró, I. (1994). *Writings for a Liberation Psychology*. Harvard University Press.
- Mishra, P. (2017). *Age of Anger: A history of the present*. Farrar, Straus, & Giroux.
- Monbiot, G. (2017). *Out of the wreckage: A new politics for an age of crisis*. Verso.
- Morgan, O.J. (2019). *Addiction, attachment, trauma, and recovery: the power of connection*. Norton.
- Murphy, E. (1922/1973). *The Black Candle*. Coles.
- Norberg-Hodge, H. (2018, May 12). *Localization: a strategic alternative to globalized authoritarianism*. Retrieved September 7 2019 from *Local future: Economics of Happiness*.

Retrieved September 23 2019 from <https://www.localfutures.org/localization-a-strategic-alternative-to-globalized-authoritarianism/>

O'Donnell, M. (2018, January). Losing Phil: When Phillip Seymour Hoffman succumbed to a drug overdose in 2014, his death was one of thousands sweeping the country. His partner, Mimi O'Donnell, reflects on the difficulties – and devastation – of addiction. *Vogue*, 56-59, 98-99.

Oswaldo Cruz Foundation (2017, 24 June). Letter from Manguinhos: A global call to protect harm reduction in Latin America. Retrieved 8 December 2020 from <https://idpc.net/publications/2017/06/letter-from-manguinhos-a-global-call-for-harm-reduction>

Polanyi, K. (1944). *The great transformation: The political and economic origins of our times*. Beacon.

Polk, S. (2017). *For the love of money: a memoir*. Scribner.

Powell, K (2016, October 26). Young, talented, and fed up: Young scientists tell their stories. *Nature*, 538(7626), 446-449. Retrieved January 2 2018 from <https://www.nature.com/news/young-talented-and-fed-up-scientists-tell-their-stories-1.20872>

Province of British Columbia (2020, 10 December). Covid-19 essential services. Retrieved 19 December 2020 from <https://www2.gov.bc.ca/gov/content/safety/emergency-preparedness-response-recovery/covid-19-provincial-support/essential-services-covid-19>

Pryor, W. (2003). *The survival of the coolest: An addiction memoir*. Clear Press.

Reding, N. (2009). *Methland: The death and life of an American small town*. Bloomsbury.

Ribeiro, E. (2016, February 29) How Brazil's War on Drugs became a Crusade against People of Color. *Open Society Foundations*.

Robins, L.S., Helzer, J.E., & Davis, D.H. (1975). Narcotics use in Southeast Asia and afterwards. *Archives of General Psychiatry*, 32(8), 955-961. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1975.01760260019001>

Rodrigues, T. & Labate, B.C. (2016). Brazilian Drug Policy: Tension Between Repression and Alternatives. In B.C. Labate, C. Cavnar, & T. Rodrigues (eds.), *Drug Policies and the Politics of Drugs in the Americas*, chap. 11. Springer.

Ross, G. (1987). *Stung: the incredible obsession of Brian Molony*. Stoddard.

Selye, H. (1950, June 17). Stress and the general adaptation syndrome. *The British Medical Journal*, 1, 1383-1392. Retrieved January 2 2017 from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2038162/pdf/brmedj03603-0003.pdf>

Satel, S. (2018, February 21). The myth of what's driving the opioid crisis: Doctor prescribed painkillers are not the biggest threat. *Politico Magazine*. Retrieved February 28 2018 from <https://www.politico.com/magazine/story/2018/02/21/the-myth-of-the-roots-of-the-opioid-crisis-217034>

Satel, S. (2020). Dark genies, dark horizons: the riddle of addiction. *Liberties*, 1(1), 2778-304.

Satel, S. & Lilienfeld, S.C. (2013). *Brainwashed: The seductive appeal of mindless neuroscience*. Basic Books.

Schüll, N.D. (2012). *Addiction by Design: Machine gambling in Las Vegas*. Princeton University Press.

Schüll, N.D. (2015, December 16). *Addiction by design: from slot machines to candy crush*. Addictions Old and New. Conference at University of Richmond. Retrieved 11 January 2016 from <<https://www.youtube.com/watch?v=TazssD6L7wc>>

Slater, P. (1980). *Wealth addiction*. Dutton.

Struthers, A. (2017). *The Sacred Herb: A book of revelations about the new miracle plant that everyone is smoking*. New Star.

Sussman, S., Lisha, N., & Griffiths, M. (2011). Prevalence of the Addictions: A Problem of the Majority or the Minority? *Evaluation and the Health Professions*, 34(1), 3-56. <https://doi.org/10.1177/0163278710380124>

Swift, H. & Goodnough, A. (2020, 29 September). "The drug became his friend": pandemic drives hike in opioid deaths. *The New York Times*. Retrieved 29 September from <https://www.nytimes.com/2020/09/29/health/coronavirus-opioids-addiction.html>

Thornton, Mark (2014), *The Economist of Prohibition*: Univerty of Utah Press

Toynbee, A.J. (1948). *Civilisation on Trial*: Oxford University Press.

Transform Drug Policy Foundation (2020). Drug decriminalization in Portugal: setting the record straight. Retrieved July 25 2020 from <https://transformdrugs.org/drug-decriminalisation-in-portugal-setting-the-record-straight/>

Trump, M. (2020). *Too much and never enough: how my family created the world's most dangerous man*. Simon & Schuster.

U.S. Department of State (2020, 1 April). Members of the Coronavirus Task Force hold a Press Briefing. Retrieved 11 April, 2020 from <https://www.youtube.com/watch?v=TQZfk7MKuEM>

Villegas, P. (2020, 16 November). South Dakota nurse says many patients deny the coronavirus exists — right up until death. *The Washington Post*. Retrieved November 17 2020 from https://www.washingtonpost.com/health/2020/11/16/south-dakota-nurse-coronavirus-deniers/?utm_campaign=wp_post_most&utm_medium=email&utm_source=newsletter&wpi_src=nl_most&carta-url=https%3A%2F%2Fs2.washingtonpost.com%2Fcar-ln-tr%2F2ccba14%2F5fb401589d2fda0efb6af332%2F5e2749faae7e8a192fade25b%2F11%2F72%2F58d8aa16095de2b8308d30167b5e7a8

Willie, C. (2018, August 27). My life and death on opioids. *The Walrus* online. Downloaded August 29 2018 from <https://thewalrus.ca/my-life-and-death-on-opioids/>

Wilson, E.O. (2012). *The social conquest of earth*. Liveright (W.W. Norton)

Wylie, C. (2019). *Mindf*ck: Cambridge Analytica and the Plot to Break America*. Random House.

Yong, E. (2020, 5 August). Immunology is where intuition goes to die. *The Atlantic*, Retrieved 10 August 2020 from <https://www.theatlantic.com/health/archive/2020/08/covid-19-immunity-is-the-pandemics-central-mystery/614956/>

Young Emma (2018). Iceland knows how to prevent teen drug abuse, but the rest of the world doesn't want to listen, <https://emmayoung.net/articles>

Zaloom, C. (2010). The derivatives world. *The hedgehog review*, 12(20), 20-27.

Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the frontier of power*. Public Affairs.